

O Ensino em Textos de Incitação à Ação – Um Olhar Argumentativo

Teaching in Texts that Incite Action – An Argumentative View

Mônica Magalhães Cavalcante*, Mariza Angélica Paiva Brito**

RESUMO: Um dos objetivos do ensino de línguas na escola atual é tornar o aluno participante dos processos de interlocução e protagonista na recepção e na produção de textos adequados a cada situação social (CAVALCANTE; PAULIKONOS, 2017). Este é provavelmente o mais complexo trabalho dos professores, pois o ensino de texto representa, para o professor, em qualquer grau do ensino, um desafio. Propiciar ao aluno condições de se apropriar do conhecimento, usá-lo de forma crítica e se integrar ao mundo como leitor autônomo e como produtor de texto é uma tarefa árdua. Apresentaremos aqui reflexões sobre noções de texto, argumentação e ensino com base nos textos de incitação à ação (ADAM, 2018). Mostraremos que o trabalho com a argumentação sempre foi desenvolvido em sala de aula, embora apareça com evidência apenas nas situações de modalidade demonstrativa ou de modalidade polêmica. No ensino da oralidade, comumente se estimula o debate de questões polêmicas, para motivar a temática a ser explorada na unidade do livro. No ensino da escrita, em geral, explica-se como formular uma tese e fundamentá-la com argumentos explícitos, para defendê-la. Tais orientações atendem, via de regra, às grades de correção da redação do Enem e de concursos, como os vestibulares. Tomaremos como exemplo para esta discussão os textos de incitação à ação, que, segundo Adam, oscilam entre um domínio procedural e um domínio de conselho. A mistura dos conselhos-recomendações e das instruções procedimentais, no entanto, é a forma mais frequente dos planos de textos desta natureza (ADAM, 2018; LÜGER, 1995). Entendemos que os textos de incitação à ação podem se enquadrar nos tipos de modalidade argumentativa a que Amossy (2017) chama de patêmica e de pedagógica.

PALAVRAS-CHAVE: : Texto de incitação à ação; Ensino; Modalidade Argumentativa.

ABSTRACT: One of the aims of language teaching in current schools is to make the student a participant in dialogue processes and a protagonist in tasks of producing and interpreting texts appropriate to each social situation (CAVALCANTE; PAULIKONOS, 2017). Text teaching represents a challenge for the teacher, at any level. In this study we present reflections on notions of text, argumentation and teaching based on texts that incite action (ADAM, 2018). We show that the work with argumentation has always been developed in the

* Universidade Federal do Ceará (UFC), Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC, Líder do Protexto (UFC), Pesquisadora CNPq; moni-camc02@gmail.com

** Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Instituto de Linguagens e Literatura, Mestrado em Estudos da Linguagem e Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (UNILAB), Líder do GELT (UNILAB), Vice-líder do Protexto (UFC), bolsista BPI/FUNCAP; marizabrito02@gmail.com

 10.46230/2674-8266-11-2942

Distribuído sob



classroom, although it appears with evidence only in situations of demonstrative or polemic modality. In orality teaching, the debate of controversial issues is commonly stimulated, to motivate the theme to be explored in the textbook unit. In writing teaching, in general, it is explained how to formulate a thesis and base it with explicit arguments, to defend it. Such guidelines are usually based on the correction guides of Enem composition and public service selections, such as university entrance exams. We used as an example for this discussion the texts that incite action, which, according to Adam, oscillate between a domain of advice / recommendation and a procedural / injunctive domain. The mix of advice-recommendations and procedural instructions, however, is the most frequent form of text plans of this nature (ADAM, 2018; LÜGER, 1995). We understand that the texts that incite action can fit into the argumentative modalities that Amossy (2017) calls patemic and pedagogical.

KEYWORDS: Texts that incite action; Teaching; Argumentative modality.

INTRODUÇÃO – TEXTO: UMA UNIDADE DE SENTIDO EM CONTEXTO

Segundo Adam, o texto não é uma unidade gramatical, mas uma unidade de sentidos em contexto. Para nós, compete à Linguística Textual interpretar, individualmente, os sentidos dos textos em contexto, mas também analisar as regularidades que os aproximam, observando, simultaneamente, o que as “classes de textos” apresentam em termos de semelhanças e diferenças. É por essa integração do texto com o próprio cenário social que não se deve estudar as sequências textuais apenas por seu aspecto composicional. Os textos podem compor-se predominantemente por uma destas sequências, ou modos de organização do texto: narração, descrição, argumentação, explicação e diálogo (ADAM, 2019). Mas as sequências são sempre mescladas e se acomodam ao gênero a que atendem e, conseqüentemente, aos contextos enunciativos e socioculturais a que se integram. Vejamos o exemplo:

- (1) ELA SUBIU sem pressa a *tortuosa ladeira*. À medida que avançava, as casas iam rareando, *modestas casas espalhadas sem simetria e ilhadas em terrenos baldios*. No meio da rua *sem calçamento, coberta aqui e ali por um mato rasteiro*, algumas crianças brincavam de roda. A débil cantiga infantil era a única nota viva na quietude da tarde. Ele a esperava encostado a uma árvore. *Esguio e magro, metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados, tinha um jeito jovial de estudante.*

– Minha querida Raquel. [...]

– Só mesmo você inventaria um encontro num lugar destes. Que ideia, Ricardo, que ideia...

(Fonte: <<http://www.beatrix.pro.br/index.php/venha-ver-o-por-do-sol-lygia-fagundes-telles/>>. Acesso em: 22 maio 2015.)

As sequências textuais não são gêneros, mas formas primárias, elementares, segundo Adam, de narração, de descrição, de argumentação, de explicação e de diálogo. Elas atravessam todos os gêneros, como formas de organizar os textos, e são definidas pelo autor do seguinte modo:

As sequências são estruturas pré-formatadas de reagrupamentos tipificados e ordenados em blocos de proposições. O papel da linguística textual é explorar e teorizar sobre este nível intermediário (mesotextual) de estruturação, sem negligenciar o jogo complexo de restrições intrafrásticas, interfrásticas e transfrásticas, discursivas e genéricas. (ADAM, 2019, p. 9)

O exemplo abaixo ilustra como o gênero romance (de onde foi retirado o excerto) é atravessado

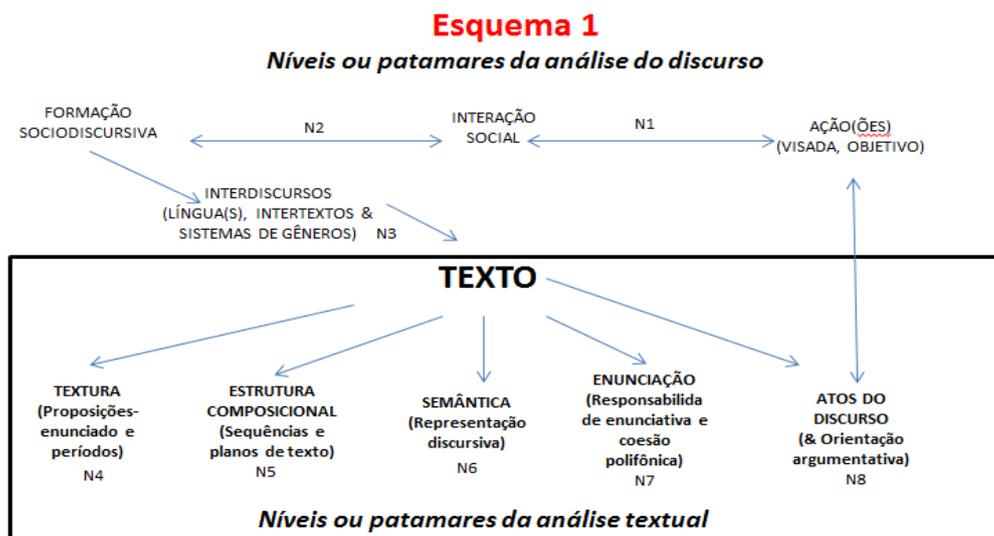
Revista Linguagem em Foco	Fortaleza, CE	v. 11 n. 2	ISSN 2674-8266
---------------------------	---------------	------------	----------------

pela sequência narrativa dominante, ainda que comporte outras sequências inseridas, como a descritiva:

- (2) A Floripa era uma mulher gorda e baixa, que aparentava ter uns cinquenta anos. O rosto redondo tinha qualquer coisa de bebê. Os olhos empapuçados brilhavam miúdos, com um brilho em que havia mais sentimento maternal que malícia. Nos dedos curtos e grossos chispavam anéis com grandes pedras.

(Fonte: VERÍSSIMO, Érico. *O resto é silêncio*. Disponível em: <<http://artigosfemeros.blogspot.com.br/2009/07/o-resto-e-silencio-de-erico-verissimo.html>>. Acesso em: 22 abr. 2014)

Adam (2019, p.35) propõe níveis ou patamares da análise textual que foram sintetizados pelo autor no seguinte esquema:



Como classes de textos heterogêneas, os gêneros do discurso são padrões textuais que organizam os atos de comunicação nas práticas discursivas e são fundamentais para que saibamos como participar de uma dada ação social em determinada comunidade (MILLER, 2009). Por isso, como argumenta Bazerman (2005), quanto mais conhecimento temos dessas atividades de comunicação recorrentes, mais compreendemos como usar os gêneros e mais conseguimos interagir eficazmente nas diversas situações sociais em que transitamos.

Embora cada texto apresente uma heterogeneidade de sequências, alguns se organizam por uma sequência *dominante*, que abriga sequências encaixadas. No entanto, como adverte Adam (2019), a sequência dominante é apenas uma ilusão de homogeneidade, gerada por um efeito de tipificação global. Um modo de reconhecer a sequência dominante é identificar aquela que permitiria resumir o texto e que o relacionaria a um macroato de fala: narrar, descrever, explicar, argumentar. Nem todo texto, porém, se orienta por uma sequência dominante única.

É a noção de plano de texto que parece unificar as estruturas composicionais. Certos gêneros determinam certos *planos de texto*. Há planos de texto pré-formatados por um gênero, e há planos de texto não pré-formatados, porque são peculiares a um único texto.

1 É PRECISO TRATAR DE SEQUÊNCIA PELA LÓGICA DE *MAIS OU MENOS*, E NÃO *MAIS DE TUDO OU NADA*

Os textos são individuais e únicos, mas as sequências, pelas quais se organizam, não. Em outras palavras, os novos textos, sempre singulares, são classificados e associados a formas preexistentes, construídas a partir de regularidades observadas, reconstruídas e memorizadas.

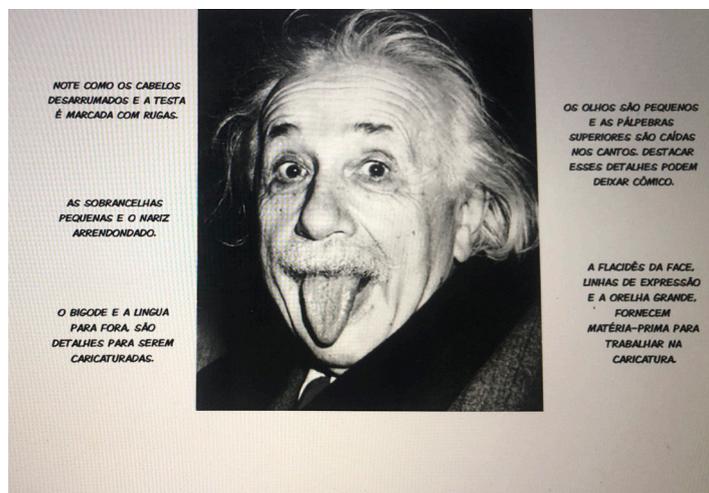
A principal função de uma noção para uma definição prototípica *não* é a de estabelecer um critério que permita excluir os casos duvidosos, mas colocar à nossa disposição um feixe de traços convergentes que nos possibilitem agrupar fatos com ligação de parentesco: essa noção é antes integracionista do que segregacionista. (ADAM, 2019, p.64)

As sequências têm um protótipo. Elas ficam ativas como padrões de reconhecimento tanto na produção quanto na interpretação. Pode-se concluir que as sequências são bastante flexíveis, mas suficientemente estáveis. Nenhuma exemplifica melhor essa maleabilidade do que a sequência descritiva.

1.1 A DESCRIÇÃO TEM UMA CARACTERIZAÇÃO SEQUENCIAL MENOS RÍGIDA

A descrição envolve um conjunto de operações linguísticas que dificilmente pode ser resumido por um esquema prototípico – constata Adam (2019), ao rever sua proposta de sequências textuais. O autor tende, hoje, a reconhecer que o repertório de operações da descrição se agrupa em períodos de extensão variável e segue a ordenação dos planos de textos. Vejamos o exemplo:

(3)



(Exemplo retirado de PAULIUKONIS; CAVALCANTE, 2019, p. 68)

A postagem mostra a face de um gênio e os pontos em que se deve trabalhar na reprodução de uma caricatura. O texto se orienta por uma *modalidade argumentativa pedagógica* (AMOSSY, 2008), pois ensina como focalizar, por meio da descrição das características faciais de uma imagem bem conhecida e reproduzida de Albert Einstein, os traços que fazem a diferença em uma caricatura. A descrição é “um recurso a mais para jogar luz sobre seus verdadeiros pontos, é evidente que ela deve se desenvolver em

vista do objetivo a atingir, sem ultrapassá-lo” (ADAM, 2019, p. 71-2).

No exemplo seguinte, temos a dominância de uma descrição do tipo de pessoa que merece uma amizade, ainda que o texto se oriente argumentativamente por uma incitação à ação. A postagem com o título *Aproxime-se de pessoas* conduz o interlocutor em direção a uma estratégia argumentativa na qual se enfocam as qualidades de uma pessoa idealizada, que sempre torce pelo outro, que ri de si mesma, que escuta com interesse, que raramente reclama, que compartilha conhecimento, que inspira o outro e que tem o hábito de doar. Então, se seus amigos não possuem estas qualidades, você deve se afastar, porque você merece se aproximar de pessoas que correspondem a esta descrição. Existe no exemplo uma orientação argumentativa realizada por uma série de sequências descritivas, com um forte apelo ao *pathos*.

(4)



Entendemos que, na verdade, existe uma orientação argumentativa em todo texto. Toda produção textual é dialogicamente dirigida ao outro e, simetricamente, toda compreensão de texto requer uma projeção das intenções da imagem que se tem do locutor, dentre elas a de seu macroato de narrar, descrever, explicar, argumentar. Os textos comportam pelo menos uma dimensão argumentativa, embora alguns se construam composicionalmente uma visada argumentativa (AMOSSY, 2017), quando defendem uma opinião central fundada em conjuntos de argumentos. Esse pressuposto de Amossy nos permite assumir que todo texto tem como objetivo (explícito ou não) agir sobre os valores e as crenças dos interlocutores. A questão que motiva este trabalho é a seguinte: se conforme Adam (2019), não se pode abstrair uma

sequência textual prototípica para os para os textos de incitação à ação, que sequências se entrecruzam na heterogeneidade desses textos? Que gêneros podem se expressar por textos de incitação à ação e que planos de texto eles seguem? E ainda: como se caracterizam os modos de argumentar em textos dessa natureza?

2 TEXTOS DE INCITAÇÃO À AÇÃO

Nos primeiros trabalhos de Adam sobre sequências textuais, o autor (2019), tomando por base Werlich, considerou a possibilidade de uma sequência “injuntiva” subjacente a gêneros como a receita culinária, a instrução de montagem, as ordens, os regulamentos, as regras de jogo, os guias de viagem, o horóscopo, e até o boletim meteorológico.

A justificativa de Werlich (1975) para manter a classificação de sequência injuntiva era distingui-la da sequência narrativa, alegando que o arranjo temporal das ações e dos eventos reais ou imaginários próprios da narrativa eram diferentes do arranjo das instruções-prescrições relacionadas ao que se espera do interlocutor e do locutor. Na sequência narrativa, há um relato de ações ancoradas numa dada temporalidade que muda conforme a transformação de predicados e as relações de causa-consequência; as instruções-prescrições incitam diretamente o interlocutor à ação e envolvem uma habilidade cognitiva comum – a capacidade de fazer planos.

Outros autores também já admitiram a existência de um discurso procedural, como Greimas (1983), que salienta, nesse discurso, um sujeito “programador competente”, que transfere um saber-fazer para um sujeito “realizador” que pode ou deve seguir os procedimentos indicados em etapas sucessivas, como nas receitas, nas partituras e nas plantas arquitetônicas.

Também Garavelli (1988) menciona uma classe de “textos reguladores”, isto é, que objetivam regular um dado comportamento do interlocutor, como os manuais de instrução, as leis, os decretos, os regulamentos e os convites. E ainda Lüger (1995) propõe uma separação entre os textos de instruções de uso e os conselhos.

Em obra posterior (1992), porém, Adam toma um outro direcionamento – o qual adota até hoje – pondo em questão a legitimidade de uma sequência comum a todos os textos de discurso procedural, uma vez que eles poderiam diferir enormemente em relação aos planos de texto pelos quais se orientam.

Adam (2019) sustenta que os textos de incitação à ação não apresentam um mesmo protótipo de sequência textual porque “as regularidades microlinguísticas são numerosas demais para constituir um tipo de texto”, e não há macroproposições composicionais que sejam comuns a todos os gêneros de incitação à ação. Para o autor, as regularidades observadas dizem respeito aos planos de gênero, à formação social e às ações languageiras realizadas. Por isso, haveria mais diferenças do que semelhanças entre os gêneros com discurso procedural, como as receitas, os manuais de instrução, os gêneros com injunção, como os conselhos de beleza, o horóscopo, os regulamentos, as regras de jogo, os manuais de etiqueta). Por isso Adam sugere que toda essa complexidade dos gêneros, das práticas discursivas realizadas e das microunidades linguísticas seja considerada em um quadro epistemológico mais complexo.

Adam (2019) opta, assim, pela designação de “discurso de incitação à ação”, em vez de “discurso

procedural”, porque a categoria desses textos factuais que visam a uma finalidade prática (guiam a realização de uma tarefa) é por demais extensa, e o termo *procedural* não abarcaria todas as possibilidades¹, já que está mais ligado a injunções, aconselhamentos para agir seguindo certos procedimentos) Como afirma o autor (2019, p.255):

A grande característica desses textos é a presença massiva de predicados de ação: da proibição da ação (“Proibido fumar”) à injunção para agir de maneira procedural (toque a campainha e entre), passando pela representação de ações sucessivas e de protocolos de ação. Essas ações estão no infinitivo, no imperativo, no futuro ou no presente. Devido à densidade dos predicados de ação, esses textos incluem muitos organizadores e advérbios temporais (especificando a sucessão e/ou a duração das operações ou suboperações) bem como organizadores e advérbios locativos (principalmente os guias de viagem, de passeio, de excursão, mas também manuais para indicar a parte precisa de um objeto sobre o qual uma operação deve ser realizada). Encontramos, por outro lado, poucos conectores argumentativos e muito menos ainda concessivos. O caráter obrigatório e o grau de restrição de atos de discursos imperativos variam de um gênero a outro: a liberdade de não seguir a injunção-recomendação é muito baixa para todos os gêneros reguladores (instruções e regulamentos), muito alta para os conselhos e outros horóscopos, média para o gêneros procedurais (receitas, guias, instruções de montagem). (ADAM, 2019, p. 255)

É essa regularidade pragmático-semântica dos atos de discurso e, por vezes, verbo-imagética, que conduz ao equívoco de tomar esses textos como um mesmo “tipo”. As regularidades parecem concernir mais aos gêneros do discurso, por isso Adam considera que as formas linguísticas recorrentes são condicionadas pelos gêneros discursivos de uma formação social e seus planos de texto e pelas ações languageiras realizadas.

Alguns textos de incitação se inclinam mais para a injunção (para o aconselhamento ou para a tentativa de guiar, de reger uma ação do outro). Outros são mais claramente procedimentais, como os

1 Adam (2019, p.256-7) elenca as seguintes possibilidades: “Enunciados injuntivos, textos de lei, instruções e regulamentos (laicos ou religiosos) [T1 a T4, T8].

- Instruções de montagem.
- Regra de jogo.
- Títulos das mídias (revistas, jornais, rádio e televisão [T9,T11,T12, T14] e obras de ensinamento moral, de educação, de saúde etc. [T10].
- Receitas de cozinha (desde o livro de um grande *chef* até a simples indicação sobre a embalagem de um produto) [t25], passando pelas receitas culinárias das revistas) [T20, T21, T23, T24].
- Guias de itinerários (de trilha, de alpinismo, de visita turística a um lugar cultural ou natural) sob a forma de formulário [T22, T26] ou de livro [T27].
- Receitas médicas e farmacêuticas [T18].
- Didascálias teatrais dando instruções de montagem e de encenação dos atores.
- Manuais ou fichas de bricolagem, jardinagem, adestramento etc [T5, T6, T7, T15].
- Modos de funcionamento e manuais de utilização (instruções explicativas) de produtos, máquinas, aparelhos, *softwares* etc. [T16, T17].
- Manuais de manutenção ?? e de manutenção.
- Manuais de regra de conduta e de etiqueta.
- Manuais de procedimento (farmácia e química).
- Promessas eleitorais (promessas de fazer) e publicitárias [T13].
- Horóscopos [T19]”.

manuais de instrução, por isso Adam (2019, p. 262) considera como subjacente a todos eles um “discurso de incitação à ação”, recheado de atos ilocutórios diretivos e de termos do campo lexical do “conselho”: “Aconselhar é indicar a alguém o que deve ou não fazer, e essa orientação vai de *sugerir, recomendar e propor até pressionar, incitar, levar (a)*, passando por *advertir, avisar, guiar, persuadir, convencer, dirigir*”.

Adam observa que, nos gêneros mais puramente procedimentais, como o manual de instruções e os guias de trilha, as recomendações ou aconselhamentos sob a forma de imperativos são muito frequentes, além de se repetirem algumas vezes e serem postas em grifo pela tipografia (negrito, sublinhado, maiúsculas menores em itálico). Mas, pelo propósito de levar o interlocutor a executar passos precisos, os instrucionais e os guias não podem oscilar entre a recomendação e influência coercitiva, por isso, quando esses textos trazem conselhos, eles são mera consequência das “ordens” expressas.

Já os aconselhamentos dos gêneros horóscopo, embora também apresentem imperativos, a força ilocutória dessas formas verbais no texto se aproxima mais da recomendação do que da injunção (da imposição de ações). É por causa de gêneros como o horóscopo que Adam constata que os textos de incitação à ação oscilam entre um domínio procedural e um domínio de conselho, mas que é bastante comum (talvez esta seja a situação mais recorrente) a mistura dos conselhos-recomendações e das instruções procedimentais.

O autor pormenoriza demais as características linguísticas familiares aos diferentes gêneros de incitação à ação, porém salienta que elas não constituem mera coincidência formal e que sofrem o condicionamento das propriedades dos gêneros do discurso bem assinaladas por Bakhtin: construção composicional, conteúdo temático e estilo. Desse modo, não é suficiente constatar, por exemplo, que os textos de incitação à ação comportam, no que tange ao estilo, encadeamentos de proposições de ação e de proposições descritivas de estado. É preciso atentar para a relação fundamental entre tais aspectos estruturais² e o modo (do ponto de vista ilocutório) como são utilizados nos textos em diferentes atos de linguagem: “Cada uma das proposições dos textos de incitação à ação deve ser examinada em suas dimensões de ato de referência e ato de discurso, mas também de ato de enunciação ligado a um enunciador que assume a verdade do conteúdo proposicional e visa a um destinatário”. (ADAM, 2019, p. 275).

Como observa o autor, essas relações consideram as condições enunciativas da interação. Nos textos de incitação à ação, subjaz à voz do locutor a voz de um enunciador *expert* cuja presença enunciativa é apagada, a fim de dar às informações fornecidas mais credibilidade. A instância do interlocutor se expressa por um pronome (você) de caráter indefinido, porque pode se aplicar a cada um que se põe nesse papel.

Nesse contexto situacional, firma-se um tipo de contrato de verdade com uma promessa de sucesso, pois se espera que as informações fornecidas sejam verdadeiras, dando, assim, uma espécie de garantia ao interlocutor de que, se ele seguir todos os passos, o objetivo será alcançado. Podemos acrescentar a essa descrição que a generalidade com que a dêixis pessoal se explicita, nesses textos, depende diretamente do contrato comunicativo que se estabelece.

Além disso, dependendo do volume de conhecimento que se supõe compartilhado pelos interlocutores quanto ao domínio da especialidade abordada, o léxico especializado vai se impondo e se

² Adam demonstra que os trechos composicionalmente descritivos, nesses textos, têm um valor inseparavelmente duplo, pois são ao mesmo tempo informativos e instrucionais.

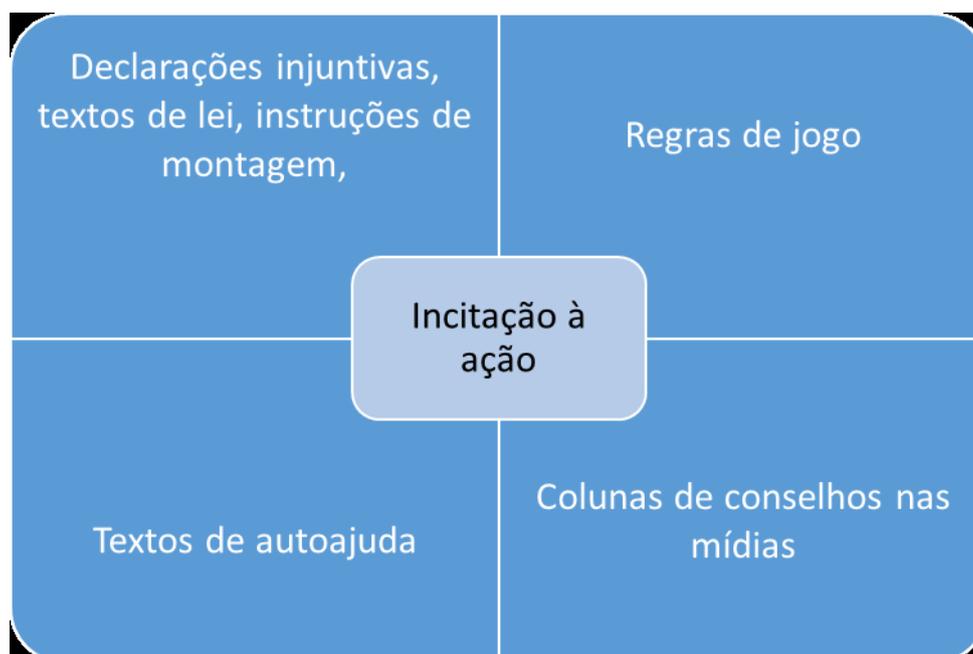
adaptando ao tipo de projeção que se faz do destinatário.

Cabe ressaltar que, ainda que esses aspectos microlinguísticos sejam comuns aos textos de incitação à ação, eles variam conforme o gênero do discurso e o contrato estabelecido em cada interação. As estruturas com “para... se (em caso de)”, seguidas de imperativo ou infinitivo, por exemplo, podem ser menos frequentes nas receitas e nos guias de trilhas, que se valem de mais conectores argumentativos e de inúmeros organizadores temporais, importantíssimos na sequenciação de passos a serem seguidos. Já os organizadores locativos pontuam regularmente os guias de viagem, mas também podem indicar a parte precisa de um objeto nos manuais de instalação e nas instruções de montagem. Note-se, assim, a estreita ligação entre léxico, conectores, construções sintáticas e conteúdo temático, portanto entre tema e estilo, para usar os termos bakhtinianos.

No que tange aos aspectos composicionais dos gêneros, Adam chama a atenção para o modo como visualmente os textos de incitação à ação apresentam indicações alfanuméricas, sobremarcações icônicas por meio de fotos, desenhos, mapas, esquemas, com a finalidade não só de informar, mas de explicar como fazer. Tais características de segmentação e marcação tipográfica refletem diretamente na forma composicional dos planos de texto de cada gênero.

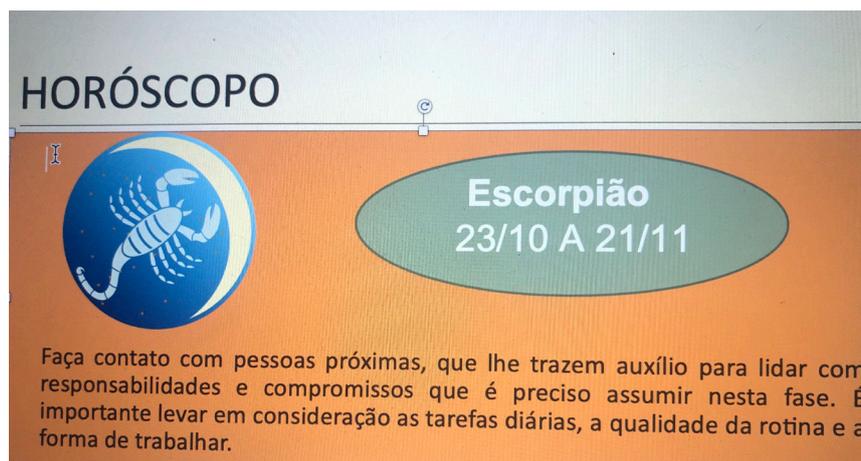
2.1 GRUPOS DE GÊNEROS DE RECOMENDAÇÃO-CONSELHO E GRUPOS DE GÊNEROS PROCEDIMENTAIS

Como acabamos de ver, os textos que atualizam a incitação à ação oscilam entre um domínio de conselho e um domínio procedimental (que pode chegar à injunção). Mas é a mistura dos dois casos que parece ser mais recorrente. O esquema seguinte mostra gêneros bem distintos que apresentam, em graus diferentes, esses tipos de regularidades:

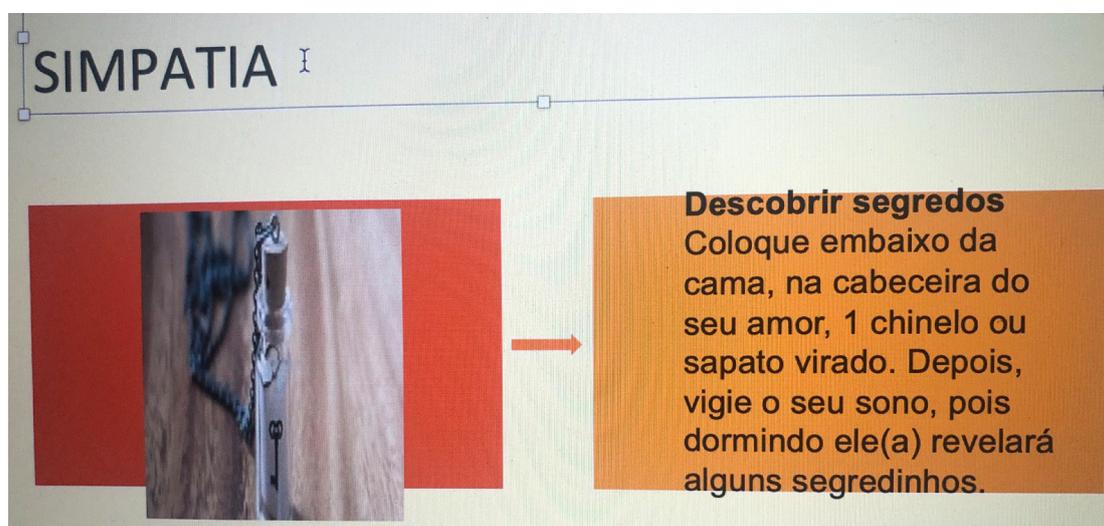


Abaixo exemplificamos diferentes textos de incitação à ação.

(5) O horóscopo



(6) Simpatia



Talvez até seja mais sensato considerar sempre a possibilidade de mescla dos conselhos-recomendações e das instruções procedimentais, o que não nos impede de separar os textos de incitação à ação em dois grupos: aqueles que variam da recomendação ao conselho, ou à regra; e aqueles em que domina o caráter instrucional, pelas finalidades a que se prestam, como encontramos nos exemplos (5) e (6), que atualizam, respectivamente, um domínio mais próximo do conselho e um domínio do procedural.

Os exemplos confirmam que uma das mais importantes características dos textos de incitação à ação é a abundância de predicados representando ações temporais sucessivas e atualizadas verbalmente no infinitivo, no imperativo, no futuro ou no presente.

Textos assim visam a uma finalidade prática, por isso têm muitos predicados de ação: da proibição da ação à injunção para agir de maneira procedimental. O caráter obrigatório e o grau de restrição dos atos variam de um gênero para o outro. O exemplo (8) mostra isso claramente:

(7) Bolo de chocolate com calda de ganache da Rita Lobo

Receita é simples e tem calda que vira mousse de chocolate. Veja mais em: <http://gnt.globo.com/receitas/receitas/bolo-de-chocolate-com-calda-de-ganache-da-rita-lobo.htm> **Assado, Bolo, Bolo de chocolate, Chocolate** 30min 4 porções fácil

Ingredientes

4 ovos

1 xícara (chá) de açúcar

1 xícara (chá) de chocolate em pó

1 xícara (chá) de óleo

1 xícara (chá) de água

2 xícaras (chá) de farinha de trigo

1 colher (sopa) de fermento

Manteiga, farinha e chocolate para untar e polvilhar

Calda de ganache

200g de chocolate meio amargo

3/4 de xícara (chá) de creme de leite fresco

Modo de preparo

Preaqueça o forno a 180°C (temperatura média).

Unte uma forma redonda ou de pudim com manteiga, formando uma camada fina e uniforme.

Faça uma misturinha meio a meio de chocolate em pó e farinha, e polvilhe a forma toda.

Desta maneira, o bolo não fica com aquela casquinha branca de farinha. Reserve. Numa tigela, coloque a farinha, passando pela peneira.

Na batedeira, ou numa tigela, coloque o açúcar e o chocolate em pó, passando por uma peneira. Junte os ovos e o óleo.

Na velocidade baixa (para o chocolate não subir), bata os ingredientes, até que estejam bem misturados. Aumente a velocidade e bata por mais alguns minutos.

Nas receitas, temos instruções bem pontuais que precisam ser seguidas para a fórmula funcionar, diferentemente do aconselhamento no horóscopo (exemplo 6) e das indicações procedimentais nas simpatias (exemplo 7). Com efeito, o grau de incitação à ação nesses gêneros é baixo, se os compararmos a uma receita ou a uma instrução de montagem.

Também o grau de obrigatoriedade para o cumprimento das ações procedurais é variável, podendo, segundo Adam (2019), ser alta, média e baixa. Deste modo, o caráter obrigatório e o grau de restrição de atos de discursos imperativos variam de um gênero a outro: a liberdade de não seguir a injunção-recomendação é muito baixa para todos os gêneros reguladores (instruções e regulamentos), mas muito alta para os conselhos e outros horóscopos dos exemplos (5) e (6), e média para os gêneros procedurais (receitas, guias, instruções de montagem), como no exemplo (7).

Lembramos que a grande característica desses textos é a presença massiva de predicados de ação: da proibição da ação (“Proibido fumar”) à injunção para agir de maneira procedimental (toque a campainha e entre), passando pela representação de ações sucessivas e de protocolos de ação. Os exemplos a seguir ilustram tal característica:

(8)

(9) **Receita de cuscuz****INGREDIENTES:**

- 200G OU 350ML DE FLOCOS DE MILHO MANO VELHO
- 1 COLHER DE CHÁ DE SAL OU A GOSTO
- 150ML DE ÁGUA
- SE PREFERIR ACRESCENTE UMA COLHER DE SOPA DE MANTEIGA DA SUA PREFERÊNCIA

MODO DE PREPARO

- Coloque os flocos em uma vasilha e acrescente a água e o sal e a manteiga. Mexa bem.
- Depois, ponha os flocos na cuscuzeira e leve ao fogo em temperatura baixa.
- O tempo de cozimento será de 20 minutos em fervura.
- Rende uma porção de 400g.
- Para mais dicas de receitas, siga as nossas redes sociais: Facebook e Instagram.

Observe-se que, como dissemos, o sujeito da enunciação é apagado e, em contrapartida, o lugar do destinatário é solicitado, mas fica vazio, sob a forma de um simples pronome pessoal de segunda pessoa na maior parte das vezes, como no exemplo (8) de uma campanha publicitária da Anvisa “Quando abrir a boca, não feche os olhos.” O sujeito que enuncia fica apenas suposto como uma voz de autoridade, no entanto, o destinatário pode ser qualquer um ou nenhum, mas não deixa de ser convocado a agir. Do mesmo modo, acontece no exemplo (9), uma receita de cuscuz: “coloque os flocos em uma vasilha; ponha os flocos na cuscuzeira” etc. As receitas, as instruções de montagem, por exemplo, mostram a transferência de um conhecimento a um outro, que supostamente não o tem. A receita de cuscuz ensina como preparar um cuscuz de qualidade, fácil e rápido, para isso são indicados os Ingredientes e o Modo de preparo.

Uma reflexão procedente que deixamos neste trabalho é que nos textos de incitação à ação, é possível reconhecer, por vezes, modos diferentes de argumentar. Supomos que sejam muito frequentes a modalidade pedagógica e também a modalidade patêmica (AMOSSY, 2008).

4 AS MODALIDADES ARGUMENTATIVAS

Conforme Amossy (2018), modalidade argumentativa é um tipo de interação que, por meio dos

Revista Linguagem em Foco	Fortaleza, CE	v. 11 n. 2	ISSN 2674-8266
---------------------------	---------------	------------	----------------

gêneros, modela a forma como a argumentação funciona no texto e na relação entre eles. Tomando por base os pressupostos da autora, buscamos aqui fazer aproximações teóricas entre traços dos gêneros do discurso, das sequências textuais e dos modos de argumentar. Diríamos que argumentar pode ser:

- a) para tentar firmar uma opinião central, como nos textos monogeridos de sequência argumentativa dominante;
- b) para deixar apenas transparecer pontos de vista, por meio de outras sequências;
- c) para tentar envolver o outro, manipulando-o, principalmente por apelo às emoções, dentro de sequências variadas;
- d) para coconstruir uma ideia ou negociar algum acordo, numa sequência dialogal de textos poligeridos;
- e) para defender uma opinião central, numa sequência dialogal polêmica ou nas relações intertextuais polêmicas;
- f) para expor didaticamente dados descritivos e explicativos;
- g) para incitar o outro a uma ação, por meio de um roteiro de instruções; dentre outras finalidades.

Temos comprovado que todo texto tem uma orientação argumentativa, mas não necessariamente uma sequência composicional argumentativa. Propomos que se pense nas possíveis relações entre sequências textuais, gêneros do discurso, modos de interação e modalidades argumentativas.

Sabemos que, segundo Adam (2019), os textos podem **ou não** compor-se predominantemente por uma destas sequências textuais: narração, descrição, argumentação e explicação. Tais sequências, segundo o autor, correspondem a macroatos de linguagem. As sequências devem ser observadas em relação aos gêneros, nos contextos enunciativos e socioculturais a que se integram.

Conquanto Adam ponha ao lado dessas quatro sequências a dialogal, sugerimos que se investigue a possibilidade de não equipará-la às outras quatro, que cumprem um propósito numa macroação de fala: para narrar, para descrever, para argumentar e para explicar. Não nos parece adequado tratar o modo de organização dialogal como um macroato de linguagem.

Os textos, sempre singulares, são classificados e associados a formas preexistentes, construídas a partir de regularidades observadas, reconstruídas e memorizadas, que são as sequências textuais. As sequências perpassam os gêneros do discurso, que, por sua vez, determinam aspectos de tema, composição e estilo dos planos de texto utilizados individualmente.

Todas as sequências textuais são descritas por Adam (2019) a partir de um plano composicional prototipificado, mas não enrijecido. É por isso que, para Adam, as injunções (instruções) e os conselhos-recomendações não podem ser tratados como sequências, porque não têm um protótipo composicional comum a todos eles. Para nós, a incitação à ação poderia ser pensada num plano configuracional, em que estaria associada a um modo de argumentar, e não como um plano composicional. Exatamente porque os textos de incitação à ação são por demais variados composicionalmente, e porque eles atendem a um modo diferente de argumentar: o de levar o interlocutor a um fazer. Sugerimos, com isso, que se proponha pense numa modalidade argumentativa que contemple a incitação à ação, porque o modo de

argumentar em textos dessa natureza é peculiar, diferente das demais modalidades.

Para tratar de modalidades argumentativas, Amossy (2008) discrimina três parâmetros pelos quais cada tipo de interação deve se pautar:

- A distribuição de papéis sociais na interação;
- O tom dos interlocutores (racional, agressivo, carinhoso etc.);
- A relação de proximidade ou de distância social.

Quer-nos parecer que os textos de incitação à ação guardam traços da modalidade pedagógica, quando o locutor autorizado tenta passar um saber ao interlocutor, que se encontra na condição de aprendiz, ao mesmo tempo que guardam traços da modalidade patêmica, quando uma tese central ou mesmo só um ponto de vista são apresentados de modo a “tocar” o auditório para obter sua adesão, por exemplo o apelo à ajuda humanitária, a defesa perante os jurados, o discurso lírico.

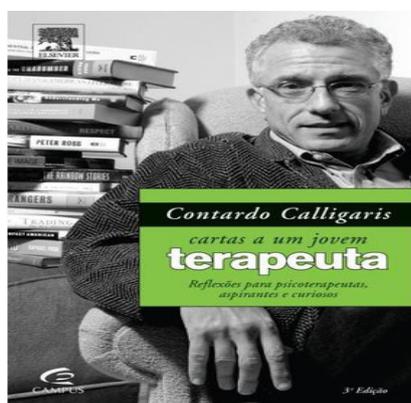
Os exemplos (10) e (11) refletem nosso pensamento de que os textos de incitação à ação carregam em si uma nuance tanto pedagógica quanto emotiva.

(10)



Aconselhar é indicar a alguém o que deve ou não fazer. Um leque muito amplo de atos de linguagem – do conselho-recomendação à ordem injuntiva – podem ser agrupados nessa categoria. Alguns textos de aconselhamento podem ser tão heterogêneos que hibridizam os dois modos de argumentar, como no exemplo a seguir:

(11)



“Antes de começar uma formação que vai durar no mínimo uma década e custar uma nota preta, será que há como saber se tenho o que é preciso para dar certo? É uma ótima pergunta. Para ser um bom psicoterapeuta, é útil que a gente possua alguns traços de caráter ou de personalidade que, dito aqui entre nós, dificilmente podem ser adquiridos no decorrer da formação: melhor mesmo que eles estejam com você desde o começo. Você pode querer ser médico ou coisa que o valha porque considera essencial ser olhado com gratidão e respeito por seus pacientes e pelos outros em geral. Claro, todo mundo gosta disso, não é? Mas há sujeitos que precisam de muito mais, para quem é crucial ser constantemente objeto de veneração amorosa. Pois bem, se para você, é importante se alimentar no reconhecimento e no agradecimento infinitos dos outros, então não escolha a profissão de psicoterapeuta.” (CALLIGARIS, p.13-14)

O exemplo (11) mostra a aproximação entre as modalidades patêmica e pedagógica e as estratégias persuasivas dos textos de incitação à ação. O texto convoca o interlocutor a refletir junto com a voz enunciativa (que neste caso não se apaga) do próprio locutor: “Para ser um bom psicoterapeuta, é útil que a gente possua alguns traços de caráter ou de personalidade que, dito aqui entre nós, dificilmente podem ser adquiridos no decorrer da formação: melhor mesmo que eles estejam com você desde o começo”. O tom de aconselhamento atravessa toda a obra e sugere um saber-fazer, como nas modalidades pedagógicas. Mas, ao mesmo tempo, o texto apresenta apelos emocionais, como em: “Você pode querer ser médico ou coisa que o valha porque considera essencial ser olhado com gratidão e respeito por seus pacientes e pelos outros em geral”.

Exemplos como esses nos levam à reafirmação de que pode ser produtiva a relação a ser estabelecida entre diferentes textos de incitação à ação, gêneros, sequências textuais e modalidades argumentativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se busca na interpretação de um texto? Alguma unidade de coerência, interpretada individualmente pelo interlocutor, mas a partir de uma negociação com seus saberes e com os valores socialmente compartilhados em dado momento sócio-histórico. O texto deve ser visto sempre, sobretudo na sala de aula, como unidade de sentidos em contexto. As sequências textuais constituem um modo de tipologizar os textos em grupos um pouco menos heterogêneos. A sequência é um “esquema de texto” situado entre o período e uma composição mais ou menos convencionalizada do gênero, que são os planos de texto. Já os planos de texto, como o próprio nome diz, são modos de planejar o texto que se pretende elaborar: o plano envolve tanto as características convencionais de como o gênero se constitui, quanto o modo individual como o locutor deseja arranjar os conteúdos em seu texto. Acreditamos que é por causa desses aspectos particulares de estilo do locutor e dos gêneros que os planos de texto não formam classes homogêneas.

Lidar com esses aspectos composicionais das sequências e dos aspectos configuracionais dos gêneros e planos de texto, relacionando-os a modalidades argumentativas pode ser um estudo muito relevante para as pesquisas em linguística textual e em linguística aplicada ao ensino.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J. M. *Les textes: types et prototypes*. Paris: Nathan, 1992.
- _____. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2008.
- _____. *Textos: tipos e protótipos*. Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante...[et al]. São Paulo: Contexto, 2019.
- AMOSSY, R. As modalidades argumentativas do discurso. In: LARA, G.; MACHADO, I.; EMEDIATO, W. (Orgs.). *Análises do discurso hoje*, vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 231-254.
- _____. *Apologia da polêmica*. Trad. Mônica Magalhães Cavalcante et al. São Paulo: Contexto, 2017[2014].
- _____. *A argumentação no discurso*. Trad. Eduardo Lopes Piris et al. São Paulo: Contexto, 2018a [2000].
- BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Cortez, 2005.
- CALLIGARIS, C. *Cartas a um jovem terapeuta: reflexões para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.
- GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural*. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.
- MILLER, C. Gênero como ação social. In: MILLER, C. *Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia*. Recife: EDUFPE, 2009.
- MORTARA-GARAVELLI, B. Tipologia dei testi. In: HOLTUS et al. *Lexikon der Romanistischen Linguistik*. Tübingen: Niemeyer, 1988, v. 4, p. 157-168.
- PAULIUKONIS, M. A. L.; CAVALCANTE, M. M. *Texto e ensino*. e-book, Natal: SEDIS, 2019.
- WERLICH, E. *Typologie de texte*. Heidelberg: Quelle et Meyer, 1975.